



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

MILLENA MAIAVE TEIXEIRA DA SILVA

**PERIFERIA É PERIFERIA EM
QUALQUER LUGAR**
**A influência do *rap* na formação e informação dos jovens das
periferias do Distrito Federal**

Brasília - DF

2023

MILLENA MAIAVE TEIXEIRA DA SILVA

**PERIFERIA É PERIFERIA EM
QUALQUER LUGAR**

**A influência do *rap* na formação e informação dos jovens das
periferias do Distrito Federal**

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador (a): Elen Cristina Gerales

Brasília - DF

2023

MILLENA MAIAVE TEIXEIRA DA SILVA

**PERIFERIA É PERIFERIA EM
QUALQUER LUGAR**

**A influência do *rap* na formação e informação dos jovens das
periferias do Distrito Federal**

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em julho de 2023.

Prof. Dr.(a). Elen Cristina Geraldes.

Orientador (a) - FAC/UnB

Prof. Dr.(a). Luísa Guimarães Lima

FAC/UnB

Prof.Dr.(a). Kátia Maria Belisário

FAC/UnB

Prof. Dr.(a). Luiza Spinola Amaral

FAC/UnB.

MILLENA MAIAVE TEIXEIRA DA SILVA
(SUPLENTE)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo geral entender o papel e a influência do *rap* no letramento e na produção de conhecimento de jovens que cresceram nas periferias. Para alcançá-lo foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Realizar entrevistas com jovens dessas regiões que tenham o rap presente em suas histórias de vida; descrever e analisar, por meio da revisão bibliográfica, uma breve história do *rap* no DF e aprofundar sua relação com juventude e periferia. Metodologicamente, a pesquisa se apoia no método da Memória proposto por Ecléa Bosi e a análise dos dados com inspiração em Bardin, com a contribuição do autor Krippendorff, abordado por Fonseca Júnior, que possibilita interpretar as unidades temáticas das entrevistas. Como resultado, destacam-se o caráter coletivo e educacional do *rap* e o impacto que tem sobre essas vidas jovens periféricas.

Palavras-chaves: Comunicação; Música; *Rap*; Periferia; Juventude do Distrito Federal.

Abstract:

The general objective of this work is to understand the role and influence of rap in the literacy and knowledge production of young people who grew up in the peripheries. To achieve this, the following specific objectives were established: Conduct interviews with young people from these regions who have rap present in their life stories; describe and analyze, through a bibliographic review, a brief history of rap in the DF and deepen its relationship with youth and the periphery. Methodologically, the research is based on the Memory method proposed by Ecléa Bosi and the data analysis inspired by Bardin, with the contribution of the author Krippendorff, approached by Fonseca Júnior, which makes it possible to interpret the thematic units of the interviews. As a result, the collective and educational character of rap and the impact it has on these peripheral youth lives stand out.

Keywords: Communication; Music; Rap music; Periphery; Youth of the Federal District.

1. Introdução

O tema deste artigo é a relação entre o rap, um ritmo nascido nas periferias e que tem como característica marcante a história de quem mora em bairros distantes, com pouco acesso a bens públicos, e a visão sobre vida, cultura e futuro dos jovens dessas regiões. Afinal, o *rap* ensina? O *rap* informa? O *rap* transforma?

No Distrito Federal, o *rap* está fortemente presente nas quebradas. As famosas batalhas, que são encontros em que os *rappers* se provocam, se desafiam e disputam quem é mais ágil e contundente com as palavras, acontecem na maioria das regiões administrativas. No entanto, embora esse ritmo tenha conquistado o público periférico, ainda não está suficientemente presente nos textos da academia. Não há muitos estudos que contem a história do *rap* no Distrito Federal.

A partir da perspectiva da omissão e do esquecimento seletivo da historiografia oficial e entendendo o *rap* como produtor de conhecimento, foi gerada a seguinte pergunta: qual a relevância do *rap* no DF para a formação e informação de jovens periféricos sobre cultura e sociedade? Partindo dessa pergunta, o trabalho tem por objetivo geral entender o papel e a influência do *rap* no letramento¹ e na produção de conhecimento de jovens que cresceram nas periferias. E para isso foram definidos os seguintes objetivos específicos: Realizar entrevistas com jovens dessas regiões que tenham o *rap* presente em suas histórias de vida; Descrever e analisar, por meio da revisão bibliográfica, uma breve história do *rap* no DF; e Aprofundar sua relação com juventude e periferia.

A primeira justificativa para elaboração deste artigo é de cunho pessoal: Como criança negra da periferia do DF nascida no ano de 1998, a trilha sonora da minha infância foi bem além de Xuxa e Angélica, faziam parte dessa *playlist* Raça Negra, Atitude Feminina e Racionais MC's. Na pré-adolescência passei por um processo de embranquecimento dos meus gostos e estilo, cabelos alisados e músicas de rock e pop brancas tomavam conta dos meus fones de ouvidos. Ouvir *rap* me remetia a essa identidade que tanto neguei. No final do ensino médio passei pelo processo de transição capilar, quando me reconectei com minha negritude e revisei essa antiga *playlist*. Tive colegas que tinham o sonho de serem um Projota² ou um Black Alien³, almejavam crescer financeiramente através da poesia, da arte e da música.

¹ É um processo distinto da alfabetização. Nele, a leitura e a escrita são levadas a outra dimensão, a fim de estimular a criança a utilizar seus conhecimentos de maneira contextualizada às práticas sociais.

² Nome artístico do rapper, compositor e ator brasileiro José Tiago Sabino Pereira.

³ Nome artístico do rapper e compositor brasileiro Gustavo de Almeida Ribeiro.

Quando entrei na Universidade de Brasília, meus horizontes se ampliaram de tal forma que entendi como abraçar a paixão pelo *rap* e pela cultura negra era um ato político. O *rap* acolheu muitas das minhas dores, como a solidão de ser uma mulher negra, racismo e até mesmo a misoginia que sofremos cotidianamente. O abracei de volta, mas academicamente, ao inserir grandes nomes do ritmo em meus textos e artigos acadêmicos.

Por isso essa temática se faz importante na minha vida, não só como acadêmica e comunicóloga, mas também como cidadã de periferia, por entender que muitos que vivem a realidade das cidades historicamente marginalizadas não têm acesso às produções acadêmicas, mas aprenderam sobre Malcolm X, por exemplo, por meio da música.

A segunda justificativa deste artigo é profissional. A comunicação organizacional é uma área da comunicação muito atenta à diversidade de públicos, de culturas, de formas de ver o mundo. Abraçar o *rap* é assumir a dimensão mais crítica e problematizadora da comunicação organizacional, que vai além dos discursos do poder e dos poderosos.

O artigo se divide em quatro tópicos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, Das quebradas para o mundo, apresenta-se uma breve história do *rap*, em Pelas mãos de outras e outros, são levantadas pesquisas com temáticas semelhantes à deste estudo, já em Pelas próprias mãos, são explicados os procedimentos metodológicos para responder à questão-problema, por fim, em Vidas do *rap*, são entrevistados jovens que têm profunda relação com esse ritmo sobre as relações entre música e vida, sonhos, identidade, planos.

Das quebradas para o mundo

A palavra *RAP* (*Rhythm and Poetry*) significa ritmo e poesia, mas pode ser entendida como um estilo musical que mistura ritmos enérgicos e rimas poéticas que interagem com o contexto social, cultural e político onde estão inseridas. Há alguns caminhos que indicam o nascimento do *rap*: os movimentos negros africanos dos séculos XIX e XX e as comunidades periféricas jamaicanas e estadunidenses na década de 1960.

Neste artigo, opta-se pela teoria da origem jamaicana. No final da década de 1960, a ilha do Caribe vivia um momento em que a violência e a miséria estavam crescendo de forma descontrolada, ainda como reflexos da crise originada em 1930, por conta da quebra na bolsa de valores de Nova York no ano anterior, da qual a economia jamaicana jamais se recuperou. Com esse cenário vários jovens jamaicanos foram em busca de novas oportunidades nos EUA, levando consigo suas reivindicações e seus estilos musicais jamaico-africanos. Segundo o site

Fala universidade⁴: “O DJ jamaicano Kool Herc foi responsável por introduzir a tradição dos sistemas de som e do canto com uma fala rítmica e rimada que é cantada, o *rap*.”

O ritmo era produzido e consumido por moradores dos subúrbios, suas letras carregadas de questões como pobreza, violência e racismo, e com essa influência o movimento chegou na década de 1980, no Brasil.

*MC's*⁵, *DJ's*⁶ e dançarinos de *breaking* passaram a se reunir na estação de metrô São Bento e na galeria 24 de maio, em São Paulo. A partir desses encontros surgiram grandes nomes do *hip-hop* brasileiro, como o grupo Racionais MC's, a dupla Thaíde & DJ Hum. Nos anos 1990, o ritmo tomou todo o país, não só por conta da popularização do estilo, mas também porque muitos artistas estavam lançando seus álbuns.

Assim como todo país foi tomado pelo ritmo, o Distrito Federal não foi diferente, os pioneiros do *rap* na capital foram Genival Oliveira Gonçalves e Jefferson da Silva Alves, popularmente conhecidos como GOG e DJ Jamaica. Ambos lançaram seus primeiros álbuns nos quais retratavam o cotidiano e o crescimento desgovernado das periferias, a desigualdade social, a violência exacerbada e a transição da ditadura para o regime democrático.

O movimento foi disseminado pelos quatro cantos do *quadradinho* e nomes como Tropa de Elite, Álibi, Atitude Feminina e Pacificadores tomaram as ruas das regiões administrativas, especialmente em Ceilândia, Guará e Sobradinho. A geração que cresceu e foi criada nas periferias da capital no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 ouvia cotidianamente clássicos como “Opala 71 azul”, “Eu queria mudar”, “De que vale o Crime Neguinho da Favela”, músicas que fizeram parte do cotidiano e eram presença constante nas ruas, trazendo uma perspectiva contrahegemônica em plena capital do poder.

O movimento *hip-hop*, ao lado das mudanças políticas dos anos 2000, acompanhou os jovens das periferias em seu ingresso nas universidades, por meio das cotas, e na luta pela construção de uma nova perspectiva para grupos que eram historicamente silenciados. No livro *Pacto da Branquitude*, Bento (2022, p. 39) aborda a história hegemônica como excludente:

Essa omissão da resistência negra e indígena na historiografia oficial nos mostra que precisamos entender sobre memória coletiva, mas também sobre amnésia coletiva, como nos ensina Charles W. Mills, intelectual que trabalhou com o conceito de

⁴ Startup colaborativa de São Paulo que aproxima marcas e universitários por meio de conteúdo, experiências (on e offline) e serviços.

⁵ MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "eme ci"

⁶ DJ é um acrônimo de Disc Jockey, que significa discotecário. O termo é uma junção de Disco vinil, claro) com Jockey (operador de uma máquina ou equipamento) criado pelo apresentador de rádio Walter Winchell para anunciar a entrada de Martin Block, o primeiro DJ a transmitir música popular tocando discos para os ouvintes.

ignorância branca, salientando que o óbvio precisa ser lembrado, já que interesses podem moldar a cognição — e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer. A ignorância moral que implica julgamentos incorretos sobre o que é certo e o que é errado está incluída nessa abordagem, assim como a crença falsa.

Músicas como “Brasília Periferia” de GOG, que denunciam a exclusão e o racismo estrutural, alcançam o público, mas não são pesquisadas na academia entre 2000 e 2010.

Santos (2017) explica os marcadores culturais do *hip-hop*: música (*rap* e *DJ*), Dança (*Breaking*), Desenho (Graffiti) e o (a) agente (*MC*). Segundo Afrika Bambaataa (2013), ainda existe um quinto elemento, o conhecimento, que mantém os outros em harmonia, uma perspectiva que não é unânime no movimento, mas que será considerada neste trabalho. Conhecimento histórico sobre desigualdades e exclusão, sobre lutas e revolução, sobre violências e resistência.

Pelas mãos de outras e outros

Neste tópico, iremos resgatar os artigos, dissertações e teses que mais se aproximam da temática deste trabalho, a fim de ver como a universidade vem se debruçando sobre o tema. Utilizando as palavras-chave “Influência do *hip-hop*”, “*rap*”, “Formação de Jovens Periféricos” e “*rap DF*” nas dez primeiras páginas do *Google Acadêmico*, da Biblioteca da Produção Discente da Universidade de Brasília e da Biblioteca de Teses e Dissertações da Capes, no intervalo de 13 e 27 de abril de 2023, encontramos trabalhos nas áreas de Enfermagem, Linguística, História, Música, Direito e Psicologia, mas foram priorizados, para a revisão de leitura, o material advindo das áreas de Comunicação, Educação, Comunicação Organizacional e Ciências Sociais Aplicadas. Em seguida foram lidos os títulos e os resumos e selecionados três textos que mais poderiam contribuir para o desenvolvimento deste artigo.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Comunicação e música contemporânea: as hibridações culturais do *funk* e do *hip-hop* no Brasil”, Kuck (2005) demonstra como esses movimentos, produzidos no Rio de Janeiro e em São Paulo com fortes influências estrangeiras, “estão em um constante processo antropofágico de abasileiramento, que ganhará particularidades próprias dependendo das características locais nos quais se inserem”. Ao longo do trabalho apresenta um recorte do processo histórico do ritmo no país, e busca apresentar como os estilos retratam a realidade brasileira e como dialoga com a realidade global.

Já Dos Santos e Cabrera (2023 p. 405), no artigo “Conhecimento e Cultura: o quinto elemento do *hip-hop* na vivência de jovens *MC's* da região metropolitana de Curitiba”

publicado no Cadernos do Aplicação de 2021, buscaram compreender a importância do *hip-hop* na construção do conhecimento dos sujeitos, através de entrevistas semi-estruturadas, e concluíram que

(...) O *rap* se constitui um elo que liga diferentes sujeitos numa configuração social e que, por meio da cultura, oportuniza uma formação humana e social na qual prevalece o respeito às diferenças, o gosto pela leitura e a necessidade de adquirir novos conhecimentos, além de se apresentar como uma ferramenta útil para tornar a educação mais atrativa para as juventudes por meio de sua inserção no espaço escolar.

No artigo “O *rap* como ferramenta de resistência: A influência da musicalidade de Djonga para a construção de sentido da luta negra no país”, apresentado no congresso da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Fernandes, Santos e Prata (2019) abordam o *rap* como “atividade simultânea de resistência e construção da identidade negra” e como estilo musical e forma de expressar a construção de sentidos da luta negra no Brasil, a partir da investigação dos locais ocupados pelos corpos negros e as formas de representação que estão presentes na discografia do rapper mineiro Djonga⁷. Conclui-se que o artista coloca o *rap* como instrumento social “por meio dos discursos de denúncia e de esperança, evidenciando seu engajamento na construção de uma identidade de resistência”.

Após a análise dos textos citados acima conclui-se que os estudos sobre influência do *hip-hop*; *rap*; *rap* DF; Formação de Jovens Periféricos são multidisciplinares. Isso porque os debates presentes nas discografias e letras de músicas analisadas pelos diferentes sujeitos abordam debates sociais e políticos que abrangem diversas áreas do conhecimento. Por outro lado, nenhuma das pesquisas, mesmo que toquem nosso tema, não tem como objetivo geral analisar elementos da cultura *hip-hop* no Distrito Federal que estão presentes no cotidiano de jovens das regiões administrativas periféricas.

Pelas próprias mãos

Consideramos um desafio deste artigo integrar vários procedimentos metodológicos para compreender se e como vidas jovens periféricas são tocadas pelo *rap*. Para isso, utilizamos três técnicas de pesquisa descritas a seguir:

- a) A revisão bibliográfica, descrita anteriormente, que permitiu localizar estudos correlatos, legitimar e justificar a pergunta de pesquisa e oferecer subsídios para a análise das entrevistas;

⁷ Nome artístico de Gustavo Pereira Marques, rapper, escritor e compositor mineiro.

- b) As entrevistas semiestruturadas, nas quais foram utilizadas um roteiro original, mas que permitiram grande flexibilidade temática da entrevistada e da fonte;
- c) A análise de conteúdo, com inspiração em Bardin, para descrever e analisar as unidades temáticas das entrevistas.

A pesquisadora seguiu as seguintes etapas de pesquisa: iniciou o estudo com a revisão bibliográfica já citada, para conhecer trabalhos anteriores e solidificar conceitos, produziu o roteiro de entrevistas, localizou jovens, por meio de contatos pessoais, que tinham em comum a vivência periférica, a negritude e o gosto pelo *rap*; realizou as entrevistas semiestruturadas; analisou as entrevistas à luz da análise de conteúdo; retornou à pergunta de pesquisa e aos objetivos geral e específicos.

Destaca-se que, após a escuta ativa das entrevistas, os registros orais foram transcritos na íntegra. Entende-se que esse é um processo consciente no qual a análise dos dados coletados não busca somente a reprodução do material linguístico, mas a produção de novos significados.

Com o material coletado e organizado para análise, utilizamos a análise de conteúdo que Bardin (1977, p 42) define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Franco (2008, p. 12) sinaliza que as mensagens coletadas podem ser “verbais, gestuais, silenciosas, figurativas, documental ou diretamente provocada”. Observou-se nas entrevistas que várias mensagens foram geradas, verbais ou gestuais.

Krippendorff (1990, p. 45-69 apud Fonseca Júnior, W. C, 2005, p. 280-315) organiza as formas de aplicação da análise de conteúdo, anteriormente relacionadas por Berelson em 1950, em seis categorias: Sistemas, Normas, Índices e sintomas, Representações linguísticas, comunicações e processos institucionais. Nesse artigo utilizaremos a categoria comunicações, na qual a análise das comunicações busca: “contribuir para explicar as causas e os efeitos inerentes a essa mediação simbólica, como a existência de psicopatologias, o aparecimento de conflitos e de consenso ou mesmo a transformação de uma cultura material.”

Vidas do rap

Para desenvolver esta pesquisa, entrevistamos três jovens adultos das quebradas do Distrito Federal. O recorte que fizemos foi de pessoas negras nascidas e criadas nas regiões administrativas, que possuem nível superior concluído ou em processo de conclusão e com afinidade pelo *rap*. Entrevistamos três moradores das regiões administrativas do Distrito Federal: Alana, de 29 anos, cresceu na cidade administrativa de Ceilândia, atualmente

moradora da cidade de Taguatinga, Ariel, de 23 anos, cresceu na cidade administrativa de Samambaia, atualmente moradora da cidade Recanto das Emas e Davi, de 21 anos nascido e criado na cidade de Ceilândia. Nosso objetivo não foi tratá-los como exemplos ou de alguma forma resumir os moradores das diversas regiões em uma unidade, os entendemos como sujeitos concretos, que possuem uma História de Vida, sonhos, desejos e experiências singulares.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas de caráter narrativo, com forte inspiração no trabalho de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade* (1979). As entrevistas aconteceram em locais de escolha dos sujeitos, levando em consideração familiaridade, conforto e privacidade. Uma das entrevistas foi realizada na Praça do Cidadão na cidade de Ceilândia, que é um polo formativo, de lazer e socialização. Outro local escolhido foi uma padaria que segundo o sujeito era *a única em que confiava*. A terceira foi realizada no conforto de sua casa, onde tinha acesso a registros fotográficos e bens de valor sentimental que davam materialidade à narrativa.

Buscamos entender quem eram esses sujeitos e suas trajetórias com o *rap*. A estrutura do roteiro foi dividida em três categorias: Trajetória de vida; Trajetória com o gênero musical; Objetivos de vida. As identidades foram mantidas em sigilo, nomes fictícios foram utilizados.

No bloco de trajetórias de vida, utilizamos a definição de Charlot (2000, p. 33 e 51 apud Dayrell 2003, p 42), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; sendo um ser social que possui uma determinada origem familiar, ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. É necessário construir um plano de fundo para entender de onde esses sujeitos falam, permitindo que se tenha uma perspectiva ampliada de seus relatos e vivências.

Em Trajetórias com o Gênero Musical, procuramos entender quais as relações que os sujeitos tinham com o *rap* e como se davam os processos de identificação e sistematização dos conhecimentos através das letras, videoclipes, entrevistas e postura de artistas etc. Em entrevista para a tese de doutorado de Santos (2017), Beto Teoria diz que “a principal essência do *hip-hop* é a troca de informações, o compartilhar conhecimento”. De acordo com o *rapper*, a essência do movimento está na cultura ancestral africana, baseada na educação geracional passada de pai para filho.

Como objetivos de vida entendemos que as expectativas são diferentes para cada sujeito. Dayrell (2003, p. 43), em seu texto *O jovem como sujeito social*, afirma:

Quando cada um desses jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, (...) dentre outros aspectos, são

dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um.

A importância de resgatar a possibilidade de sonhar é um ato político contrahegemônico. Socialmente os sujeitos são limitados e impossibilitados de sonhar, principalmente quando pertencem a classes sociais desfavorecidas, totalmente imersas na luta pela sobrevivência. Na década de 1990, o grupo Racionais MC's junto com o *rapper* brasileiro Afro X já falavam para as juventudes das periferias que o capitalismo limita os sonhos e as perspectivas, sejam elas de longo prazo ou não. Por isso a importância dos sonhos para esta análise.

Alana é uma mulher negra nascida e criada na região da Ceilândia Norte, é graduada em Letras Inglês/Português e durante a conversa foi relatando suas vivências no final dos anos 1990, início dos anos 2000 na cidade: “A gente recebia as notícias e ficava sabendo: não sabe fulano tal aquele que brincava com a gente lá no parquinho e jogava bola com a gente, e tal... pô morreu, ou mataram ou estava preso...”, em vários pontos da entrevista relatou a violência exacerbada, e como os abusos e a estrutura da Polícia Militar afetavam o seu cotidiano, dos seus amigos e de sua família.

Como ceilandense, relatou que o *rap* é indissociável e se torna impossível relatar um ponto inicial dessa relação, mas lembra como escutar e aprender as letras do gênero musical significava uma rebeldia, uma transgressão “A gente escutava rap e fazia questão de aprender todas as letras, mesmo que até não entendesse muito bem o que elas estavam falando, a gente se juntava no intervalo para cantar”.

É importante destacar que o contexto escolar vivido foi no final dos anos 1990, marcado por músicas que relatam o cotidiano violento das cidades e as demandas sociais daqueles que são historicamente silenciados. Para Silva (1998 apud Santos, 2017, p. 133), o *rap* brasileiro nas décadas de 1990 passou por um momento no qual as letras eram predominantemente descrições de experiências da juventude urbana.

Curtir e interpretar as mensagens das músicas são processos distintos, sendo esse um momento divisor águas para a vivência do sujeito:

É... a primeira vez que eu me atentei assim, sobre analisar uma letra, sobre ver o contexto foi com o namorado, a gente estava numa situação normal, ele cantou o Diário de um Detento para mim. Eu nunca tinha escutado. E ele cantando, ele errava algumas partes assim e ficava tentando lembrar “não, mas tem uma lógica, tem que lembrar e tal” E ele cantando e eu fiquei analisando realmente a letra assim e depois eu fui pesquisar o que que tinha acontecido. Logo depois saiu o filme também, então foi uma coisa assim muito marcante para mim, de ver aquela realidade da letra e a realidade que a gente mesmo vivia sobre (pausa e fala engasgada) os amigos da gente que já tinham sido

presos, até minha própria família, que eu imaginava assim, os meus tios os dois foram presos já, e os dois foram mortos por policiais, então aquilo ali, eu analisava muito as letras e trazia pra minha realidade mesmo.

Para entendermos, a música citada, *Diário de um Detento* (1997), do grupo Racionais MC's, descreve o caso do Massacre do Carandiru ocorrido em 2 de outubro de 1992 na Casa de Detenção de São Paulo, quando a Polícia Militar entrou no presídio para conter uma rebelião e assassinou 111 detentos. Foram diversas as tentativas do Estado de São Paulo para apagar esse fato do imaginário social, mas a música marca a história, apresentando até os dias de hoje o ocorrido às novas gerações.

Licenciada, Alana aborda o quanto aprendeu com o *rap*

Tem muita (influência) sim de analisar os contextos sociais, assim, das realidades das pessoas com quem eu convivo, das coisas que a gente escutava, das coisas que aconteciam, de desigualdade social, de crime, de amigos próximos que foram mortos que sofreram violência...

Conforme demonstra Paulo Freire, em grande parte de suas obras, sobretudo nas obras *Educação como prática da liberdade* (2011) e *Pedagogia do Oprimido* (2005), em toda prática humana, seja de cultura letrada, ou seja de não alfabetizados, haverá produção de conhecimento. Para Freire, o conhecimento não sistematizado, não científico é tão agregador quanto o ensino formal.

Ariel é uma pessoa afroindígena (o sujeito se identifica dessa forma), não binária e morador da região de Samambaia. Em respeito aos pronomes apresentados iremos utilizar ele/dele/ela/dela. Ao longo da entrevista, abordou como o contato com o rap foi marcado pela violência e que até chegou a associar o ritmo a lembranças e sentimentos em contextos de violência (“o meu cérebro associou, o fato dele escutar rap, à criminalidade e a coisas terríveis”). Seu primeiro contato com o rap foi através de seu tio que era *metido com coisas erradas* que anos depois assassinou o seu avô, desestabilizando toda sua família, e a partir dessa história, e dos cliques marcantes que mostram diversas cenas de violência, como o videoclipe de *Diário de um Detento* dos Racionais MC's e da música *Flores* do grupo *Atitude Feminina*, sua mente fez essas associações.

Por conta dessa experiência e das relações racistas da sociedade com o *rap*, acabou se afastando do gênero e da cultura *hip-hop*, e adotou uma estética roqueira. Mas após um relacionamento com uma pessoa que escutava *funk* se abriu um pouco mais para o gênero e consequentemente para o *rap*

A partir do funk eu comecei a ouvir rap, mas ainda sim bem pouco, poucos artistas e eu lembro da primeira memória que eu tenho de ter ouvido um artista do rap que ter gostado assim mesmo e ter falado: “Caramba isso é muito bom” foi *O menino que queria ser Deus* do Djonga, e eu fiquei: “Caramba, é sobre isso”. E é bem recente.

Enquanto estudante de Letras na Universidade de Brasília, deparou-se com a oportunidade de entrar em um grupo de pesquisa acadêmica como bolsista. Num primeiro momento se interessou pela vaga somente por conta da Bolsa de Auxílio, mas logo após descobriu que era para pesquisar sobre *rap* do Distrito Federal

Meu projeto de pesquisa é trabalhar com letras de rap como incentivo à literatura, é tipo ressaltar que o rap faz parte do cânone literário que a gente tem aqui no Brasil, apesar da gente ter um pouco de dificuldade para finalizar o trabalho.

Muito presente em suas falas é a falta de representatividade de pessoas não binárias na cena: “Muitas artistas que ouço falam sobre buceta, sobre ser mulher e ter xota e eu não sou só isso, eu entendo a reivindicação, mas não é só isso”. De acordo com Lima (2014 apud. Santos, 2017 p. 139) o *hip-hop* foi e ainda é de suma importância para a construção da identidade da juventude negra. No entanto, ela destaca que essa identidade construída pela manifestação em seu processo de legitimação não fez distinção de gênero. O debate sobre gênero dentro da cultura *hip-hop* é atual e bastante voltado para as mulheres cisgêneras, pessoas transexuais e não binárias estão ocupando espaços dentro da cultura *hip-hop* agora e reivindicando o debate, o que afeta diretamente as novas gerações.

Davi é um homem negro, jornalista nascido e criado na Ceilândia. Uma das questões que mais abordou em sua narrativa foi o sentimento de pertencimento de sua cidade: “A Ceilândia, ela é um polo cultural que nos faz produzir aqui para aqui” fala retirada da entrevista com Davi. Quando criança acreditava que era capaz de mudar o mundo através da escrita, o que o motivou a entrar no curso de jornalismo.

A iniciativa Jovem de Expressão na cidade é de grande impacto, promovendo cultura, cursinhos pré-vestibular e cursos de formação para a comunidade. Fica localizado na Praça do Cidadão. Davi conta que o projeto é um grande polo de conhecimento de rua e proporcionou a ele um conhecimento que seus pais, que não são alfabetizados, não puderam dar:

Aqui no Jovem de Expressão comecei a ter contato com comunicadores, e eu sempre gostei muito de escrever desde quando aprendi a escrever é sempre uma atividade que gosto de fazer muito, e a partir desse contato com esses comunicadores e ver essa oportunidade que a gente tem de escrever e se comunicar, a necessidade que a gente da periferia tem de expor nossas demandas, expor principalmente nossa realidade e também nosso sentimento de pertencimento eu decidi desde muito pequeno virar jornalista

Em entrevista para a tese de doutorado de Santos (2017), Robsoul afirma que o hip-hop integra dentro das comunidades o movimento de educação política e busca debater junto a todos e todas as problemáticas da periferia e tentar encontrar com a população soluções para os problemas.

Assim como Alana, Davi aborda que o *rap* é indissociável à sua trajetória de vida

Quando você nasce na Ceilândia, principalmente na região onde nasci, eu não consigo decidir qual foi o primeiro momento que eu escutei *rap*, eu admito que depois da pandemia aqui ficou muito parado, mas quando eu era pequeno aqui tinha batalha de *rap* toda semana, e como sou dessa região aqui, eu sempre tive esse contato com *rap* porque eu era praticamente vizinho de um grande polo de produção de *rap*, mas uma pessoa próxima que me aproximou do *rap* foi um tio meu, que já é falecido, ele morava a umas duas quadras daqui, na QNM 19, na Ceilândia Sul, e ele me apresentava muitos grupos de *rap*, por exemplo Viela 17⁸, ele me apresentou Racionais, me apresentou GOG, e outros grupos de *rap* tanto brasileiro, como nacional que até hoje eu gosto bastante, então eu acho que é mais um gosto interno dentro da família, quanto externo com o jovem de expressão.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre os anos de 1995 e 2005 a taxa de homicídio variou entre 629 a 657 de casos registrados, sendo o Distrito Federal o décimo sexto estado a apresentar o maior índice. Percebe-se que a morte é um fator comum entre as entrevistas, nos fazendo refletir sobre os contextos violentos em que as periferias se encontram. Na música do grupo brasileiro Atitude Feminina, faz-se o questionamento: Um dia vamos ter paz, irmão, vale a pena esperar; E de que vale o crime irmão? Se ele vem te matar.

Um dos aspectos dessa violência abordada nas músicas e nas entrevistas também parte da Polícia Militar, uma instituição que tem como missão “Promover a segurança e o bem-estar social por meio da prevenção e repressão imediata da criminalidade e da violência, baseando-se nos direitos humanos e na participação comunitária”. Em sua entrevista, Alana relata:

Nos anos 90, não sei se você já ouviu aquela música “*Chaparral madrugadas selvagens, matanças à vontade*”... Porra, meu pai trabalhava na Chaparral, e às vezes eu ficava pensando: “Meu Deus do céu, será que meu pai faz essas merdas?” Sabe, mas eu nunca cheguei, assim, para conversar com ele. Eu ouvia quando ele estava conversando com um amigo. Meu pai é de uma geração de policiais mesmo, troglodita, né? Nunca chegou para contar para gente tal, mas a gente sabia que acontecia nos anos 1990 - 1980 a 1990.

A música citada é Chaparral, do grupo ceilandense, Álubi, que narra a extrema violência na região e um dos fatos é a violência policial escancarada. O local é a fronteira das regiões de

⁸ Viela 17 é um grupo de *rap* ceilandense fundado nos anos 2000.

Taguatinga e Ceilândia e é popularmente conhecida por ser um espaço com alto índice de violência. Apesar das individualidades que cada sujeito apresenta na sua trajetória de vida, o fato de serem oriundos de periferia faz com que essas pessoas compartilhem experiências mesmo sem se conhecerem. O *rap* se apresenta como um fator relevante para o processo de sistematizar e pensar criticamente os fenômenos comuns ao cotidiano da quebrada.

Cavalcante (2020) apresenta a filosofia Ubuntu como um processo de resgate da concepção que a pessoa faz parte de algo maior e coletivo. De acordo com seus fundamentos, somos interdependentes de outras pessoas, tornando impossível sermos plenamente humanos sozinhos. Assim como na filosofia Ubuntu, percebemos nas entrevistas que o *rap* passa por um processo semelhante na trajetória dos indivíduos, transmitido de geração em geração, de afeto para afeto, por meio da história oral em cada família.

Assim como já citado no tópico anterior, em entrevista para Santos (2017 p.130), Beto Teoria afirma que “a essência do *hip-hop* está na cultura ancestral africana, baseada na educação geracional”, nesse caso é possível identificar o caráter coletivo do *rap*. Mesmo na época em que a internet não era difundida, grupos independentes já integravam o imaginário social, sem contar com o investimento de grandes gravadoras, um exemplo é a rádio *online* Smurphies Disco Club produzida pelo *DJ* ceilandense Markynhos, que tem por objetivo apresentar clássicos do *rap* para todas as gerações.

Outro aspecto dessa coletividade citado nas entrevistas foram as iniciativas não governamentais, como o Jovem de Expressão, que evidencia um dos fundamentos do *hip-hop*, o conhecimento. Por meio da arte, são oferecidas competências para a vida, como pensamento crítico, solução de problemas, autoconsciência, gerenciamento de tempo e trabalho em equipe, como já citado por Diaz (2015 apud. Santos, 2017, p. 131) e destacado na entrevista realizada com Davi.

Podemos perceber ao longo da pesquisa como o fator social e coletivo está vinculado a todo o processo do *rap*, desde as músicas, como podemos observar na construção da letra e do videoclipe de Vida Loka part. II (2002) do grupo Racionais MC's:

Firmeza total, mais um ano se passando
Graças a Deus a gente 'tá com saúde aí, 'morô?
Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso
Sem miséria, e é nós
Vamos brindar o dia de hoje
Que o amanhã só pertence a Deus, a vida é loka

O grupo demonstra a importância do pensamento coletivo, das buscas por mudanças para todos, que o criminoso não é “alguém ruim por essência”, mas fruto da desigualdade que desumaniza, que não permite à quebrada sonhar.

De acordo com Magda Soares (2004) compreende o processo de aprendizado como processo de apropriação de um conteúdo a ser utilizado de forma contextualizada no cotidiano do sujeito, em contraste com o aprendizado mecanicista, que utiliza de repetição e memorização sem a necessidade de um contexto. Alana em sua entrevista afirma que o *rap* amplia sua perspectiva de educação, e desperta seu interesse em pesquisar fatos e momentos históricos sociais da sua realidade. Já Davi nos conta que o *rap* interfere diretamente na forma com a qual ele interpreta e analisa suas fontes e releases jornalísticos, por ter sido essencial no seu olhar crítico e Ariel que pesquisa na universidade justamente como o *rap* desperta o interesse pela educação e permite com que os jovens estudantes possa fazer análises críticas e comparar e repensar os contextos os quais estão inseridos.

Um dos aspectos que julgamos relevantes no decorrer dessa pesquisa, foi poder sonhar e estabelecer objetivos de vida. No decorrer das entrevistas, foram apontadas situações nas quais o estudo foi colocado como ferramenta-chave para começar a busca por um sonho. Na entrevista com Alana, perguntei a ela o que falaria para seu eu do passado e a resposta veio carregada de emoções: “Não desiste tão fácil das coisas. Vai ser muito difícil, vai ser muito penoso, mas se você desistir agora, vai ser pior ainda”, o *corre* para a galera das periferias é dobrado e iniciativas coletivas permitem diminuirmos, mesmo que pouco, as disparidades de igualdades.

As políticas públicas junto com as iniciativas não governamentais vêm permitindo que esses jovens entrem nas universidades e tenham o direito à vida digna e ao sonho.

Emicida tem um arsenal de músicas que incentivam os jovens oriundos das periferias a irem atrás de seus sonhos, mostrando o peso dessa corrida não só na vida do indivíduo, mas para todo o coletivo, como na música Levanta e anda (2013):

Quem costuma vir de onde eu sou
 Às vezes não tem motivos pra
 Seguir
 Levanta e anda, vai
 Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
 Coisas que te faz
 Prosseguir
 Levanta e anda, vai
 Irmão, você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na
 face da terra?
 Se isso não fizer você correr, eu não sei o que vai

Dayrell (2003), afirma que a necessidade prematura de trabalhar aparece na vida dos jovens como empecilho para outras atividades, como estudo e criação artística, e pouco contribui para o processo de humanização desses jovens, sendo um aspecto do mundo adulto que os impede de ampliar suas possibilidades.

Em sua música AmarElo (2019), o *rapper* utiliza trechos da música de Belchior, Sujeito de Sorte de (1976), e, ao lado da cantora dragqueen Pablo Vittar e da cantora transsexual Majur, deixam o seguinte recado àqueles (pessoas negras, LGBTQIAP+, pessoas com deficiências) que muitas vezes são excluídos, marginalizador e impedidos de sonhar:

Aí maloqueiro, aí maloqueira
 Levanta essa cabeça
 Enxuga essas lágrimas, certo?
 Respira fundo, e volta pro ringue
 Você vai sair dessa prisão!
 Você vai atrás desse diploma!
 Com a fúria da beleza do sol, entendeu?
 Faz isso por nós, faz essa por nós!
 Te vejo no pódio!

Considerações finais

A questão motivadora deste artigo foi a paixão pela música e pela quebrada. Fomos ouvir esses jovens que respiram a quebrada 24 horas por dia e constatamos que o *rap*, para eles têm um caráter ancestral e familiar, por ser frequentemente em casa e ser passado de geração em geração, além de permitir que sejam traçados objetivos para a vida, impulsionar sonhos e permite a superação de uma realidade dura e limitante.

Assim como os jovens entrevistados, minha trajetória é marcada pelo estilo, pela morte e por disparidades de oportunidade, no processo de entrevistar e analisar os materiais recolhidos, passei por um processo de identificação que me fez revisitar minha infância e adolescência, me fez perceber o quanto a realidade às vezes pode ser cruel, mas também como a arte salva e traz perspectiva de vida e futuro.

Durante o processo de análise das entrevistas é possível perceber que o *rap* é entendido como um dos pilares fundamentais para a formação dos sujeitos, tendo em vista que todos o abordam como influentes no seu modo de vida e de pensamento, como auxiliar nas suas formações acadêmicas e humanas.

Como citado, Paulo Freire afirma que em toda prática humana há produção de conhecimento, e que o conhecimento não convencional ou não científico é tão agregador quanto o ensino formal, o que é demonstrado em nossa pesquisa, uma vez que todos os entrevistados afirmam a influência do *rap* no seu processo de letramento social e de suas formações acadêmicas.

O *rap*, muitas das vezes, funciona como um instrumento para ampliação de perspectiva do sujeito, uma vez que não se tem dimensão do tamanho do mundo, das distâncias e acontecimentos, permitindo que aqueles sujeitos possam sonhar e ter outras visões de mundo,

já que a dura realidade muitas vezes não o permite, demonstrando que quem vem das periferias não poderá prosperar.

A luta é diária e compreender as trajetórias desses sujeitos é necessário para entendermos o atual contexto social e acadêmico em que vivemos. Para estudos futuros acerca do tema, recomenda-se a realização de mais entrevistas, um aprofundamento nas histórias de vida não só de jovens das periferias, mas com agentes do *rap* e da cultura *hip-hop*.

Referências

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- BOSI, Ecléa. (1987). Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp.
- BOSI, Ecléa.(2003). O tempo vivo da memória. São Paulo: Ateliê Editorial.
- CALVACANTE, Kellison Lima. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. Revista Semiárido De Visu, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020
- CAMARGO, Roberto. rap e política: percepção da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015
- DISTRITO FEDERAL. Sistema de Gestão Estratégica 2011 a 2022. Comando-Geral da Polícia Militar do Distrito Federal. Brasília: PMDF - Comissão do Plano Estratégico, 2021. 3. ed.
<http://www.pmdf.df.gov.br/images/2021/PDF/SISTEMA_DE_GESTAO ESTRATEGICA.pdf> Acesso em: 07 jul de 2023
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 1ed.São Paulo: Atlas, 2005, v. , p. 280-315.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de conteúdo. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: Ipea, 2010. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/328>> Acesso em: 07 de jul de 2023
- KRIPPENDORFE Klaus. Metodologia de análise de conteúdo. Barcelona: Paidós, 1990.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis)
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 27 de jun. de 2023
- O que é letramento <<https://www.colegiokoelle.com.br/blog/o-que-e-letramento-e-como-e-diferente-da-alfabetizacao/#:~:text=O%20letramento%20é%20um%20processo,maneira%20contextualizada%20às%20práticas%20sociais>> Acesso em: 06 de abr. de 2023
- PACHECO, Kaleb Rickli. O rap é música: aprender e ensinar rap na visão dos rappers do DF. 2022. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. O universo hip-hop e a fúria dos elementos. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Acesso em: 2023-04-05.

Significado de *MC*. **Significados**. Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/mc/#:~:text=O%20que%20é%20MC%3A,ligado%20a%20uma%20manifestação%20musical>>. Acesso em: 19, jun de 2023.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas Facetas. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abril, 2004 p. 5-25. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 20 jul. de 2023

WAGNER, Jota. Dia do DJ! Conheça 10 fatos inacreditáveis sobre a história da discotecagem no mundo e no Brasil. **Music non Stop**, UOL, 2021. Disponível em:

<<https://musicnonstop.uol.com.br/dia-do-dj-10-curiosidades-incriveis-sobre-a-historia-da-discotecagem/>> Acesso em: 19, jun. de 2023

Apêndice A

Modelo do roteiro utilizado para a realização das entrevistas semiestruturadas de caráter narrativo.



Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional

Roteiro para entrevista Narrativa

Você pode levar o tempo que quiser, sua identidade será preservada, seu nome não será veiculado de forma alguma nesse trabalho, então sinta-se à vontade para falar detalhes e suas histórias.

Pergunta principal: Você poderia contar sua trajetória com RAP? (trata-se da pergunta geradora da narrativa, por assim dizer. Iniciaremos a entrevista com ela e quando sentir que está esgotada serão inseridas outras perguntas, caso já não tenham sido respondidas pelo entrevistado. O ambiente e a postura do entrevistador devem incentivar a narrativa (olho no olho, buscar um ambiente calmo e acolhedor, demonstrar compreensão sem interromper, concordar ou discordar, apenas confirmando o entendimento da informação recebida).

Trajetória de vida

1. Em que cidade você nasceu e cresceu?
2. Qual raça você se identifica?
3. Qual a sua identidade de gênero? ~opcional~
4. Como foi seu estudo formal? Foi em escola pública ou privada?

Trajetória com o gênero musical

1. Quais foram os primeiros artistas que você teve contato?
2. Você sente que o RAP te atentou para fatores que você não havia pensado anteriormente?
3. Você sente que o RAP tem influência no seu modo de vida? No seu modo de vestir, falar e se portar?
4. Existe alguma diferença no seu processo de identificação dentro e fora da cultura Hip Hop?

Objetivo de vida

1. O que você queria ser quando você era criança?
2. O que você é e o que você quer ser hoje?

3. O que mudou nesse meio tempo? Essa mudança tem a ver com o RAP? Se sim, o que?

Obs: As perguntas serão feitas de maneira fluida e informal para que o entrevistado se sinta à vontade em participar da entrevista.

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Periferia É Periferia Em Qualquer Lugar: A influência do rap na formação e informação dos jovens das periferias do Distrito Federal”, fruto do trabalho de conclusão de curso em Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O trabalho está sob orientação da professora Dr^a. Elen Cristina Geraldês da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa tem como objetivo geral entender o papel e a influência do *rap* no letramento e na produção de conhecimento de jovens que cresceram nas periferias.

Sua participação na presente pesquisa é muito importante e consistirá no fornecimento de informações por meio de entrevista semiestruturada e narrativa. Caso aceite participar, concordará com o uso das informações que serão analisadas apenas para fins acadêmicos. A qualquer momento você poderá desistir de participar, sem prejuízos para sua parte, assim como você poderá ter acesso aos responsáveis pela pesquisa. Garantimos o sigilo das informações prestadas já que nenhum participante será identificado. Gostaríamos muito de contar com sua colaboração. Para qualquer esclarecimento,

Estudante de Comunicação Organizacional: Millena Maiave Teixeira da Silva
Professora Dr^a. Elen Cristina Geraldês

Considerando que fui informado(a) da relevância do estudo proposto, e da importância de minha participação, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos sejam utilizados apenas para fins acadêmicos.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Brasília, _____ de _____ de 2023.

Brasília/DF, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Assinatura da coordenadora da pesquisa

